

Herculano e Antero

ANTÔNIO BASÍLIO RODRIGUES
Prof. de Literatura Portuguesa da UERJ

A 13 de setembro de 1877, há cem anos portanto, morria Alexandre Herculano. Quatorze anos mais tarde, a 11 do mesmo mês, suicidou-se Antero. Valores representativos do século passado, ambos foram questionadores de nossa civilização, polemistas e ardorosos defensores dos ideais históricos e filosóficos de suas gerações: a romântica e a realista.

Entre eles há pontos de encontro e de choque, de aceitação e crítica, de coerência ou contestação: “Entre Alexandre Herculano e a chamada geração de 70 dá-se inicialmente uma coincidência, depois uma polêmica. O encontro explica-se pela circunstância de Herculano ser o único português com envergadura intelectual capaz de exercer alguma influência sobre uma geração largamente enfronhada na leitura dos grandes mestres do pensamento europeu (nem Garrett, nem Castilho podiam exercer mais influência do que a puramente literária). Ninguém como Herculano pensara a realidade contemporânea entre nós; ninguém dera como ele a expressão aos problemas da nova era social-econômica inaugurada pelo triunfo da burguesia em 1833; ninguém como ele definira as dificuldades e limitações do novo regime”.¹

Ao texto de “Causa da decadência dos povos peninsulares” de autoria de Antero, que foi apresentado nas “Conferências do Casino”, 1871, Herculano faz amarga referência: “Quisera eu que o Senhor Antero de Quental conhecesse melhor a doutrina e a tradição verdadeiramente católicas, porque havia de ser menos injusto com o catolicismo, embora não fosse menos severo, ou talvez o fosse ainda mais, com os padres”.

1. SARAIVA, Antonio José, Alexandre Herculano e a geração de 70. *Vértice*, — Revista de Cultura e Arte. v. XIII, 123, nov-dez. 1953, p. 649.

A admiração por Herculano, conforme confessou o próprio Antero, foi despertada pela ode a Deus: “Teria os meus dez anos quando pela primeira vez a ouvi recitar”. Em carta a um amigo considerava que “Há três mestres supremos, três exemplares acabados do estilo poético português: Camões, Herculano e João de Deus. Leia-os muito”²

No poemeto *As Campas*, 1861, Antero inscreve uma dedicatória ao autor de *Harpa do Crente*:

*Ao Sr. Alexandre Herculano,
ao filósofo – homem de bem
Respeito.
Ao sábio – ao poeta,
Adesão e Amizade.*

e como epígrafe,

*E eu pude enfim chorar
A.H.*

Segundo Vitorino Nemésio “Herculano cantava a revelação de Deus por um jogo de forças esplêndidas e cegas, magnificadas no silêncio, ferindo com insistência as notas predominantes no clima interior de Antero, tão fortemente consoante com o do seu cenário atlântico. Como a poesia dos *Sonetos*, a de Deus levava o sopro e as orquestrações do mar: um mês antes de concebida, em 1831, Herculano experienciara a fragilidade humana no próprio meio telúrico em que o seu leitor açoriano por assim dizer se criara, e dessa experiência deixou uma fugaz descrição nas suas *Tristezas do Desterro*”.³ E, acrescenta Fidelino de Figueiredo, foi “Alexandre Herculano que lhe revelou o filão da poesia emanuélca e as tendências místicas da sua alma”.⁴

É o próprio Antero que afirma, ainda com referência a Deus, a sua predileção pela poesia de Herculano: “Pelo tom geral de sublimidade, pela tensão constante de um sentimento grande e simples, aqueles versos revolviam-me, traziam-me as lágrimas aos olhos, como se me introduzissem, embalado numa onda de poderosa harmonia, na região das coisas transcendentas”.⁵

A influência de Herculano faz-se sentir nitidamente nas *Odes Modernas* tanto no conteúdo como na forma, na seleção de certas imagens e no tratamento da natureza. É certo que Antero tinha em grande conta o poeta Hercu-

2. QUENTAL, Antero de. *Cartas*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921, 2ª Edição, p. 89.

3. NEMÉSIO, Vitorino. Antero e Herculano. *Seara Nova* — Revista de doutrina e crítica. Ano XIII, nº 406-408, 11/9/1934, p. 349

4. FIGUEIREDO, Fidelino de. Antero. São Paulo, Coleção Departamento de Cultura, 1942, p. 59.

5. QUENTAL, Antero de. *Tesouro Poético da Infância*. Coligido e ordenado por... Porto, E. Chardron, 1883.

lano, o que não significa que tivesse tão reconhecida admiração pelo historiador. Mas respeitava aquele nobre espírito e não duvidava de sua firmeza de caráter nas idéias e causas que defendia e atacava. Numa carta a Oliveira Martins lamenta Antero que “É pena que ele (Herculano) não deixasse em manuscrito um tratado de Filosofia”.

Doze dias após a morte de Herculano, um escrito de Antero, que estava então em Paris, revela em que apreço tinha seu amigo e mestre. Vale a pena ler na íntegra o referido texto, datado de 25 de setembro de 1877 e publicado pela primeira vez em “Dois Mundos” nº 2, 31 de setembro de 1877.⁶

A morte de Alexandre Herculano não é somente um luto para a literatura portuguesa: é um verdadeiro luto nacional.

Último representante de uma ilustre geração, em que o forte gênio português verdeceu ainda neste século com uma seiva tardia, Alexandre Herculano era mais do que um grande escritor: era, em toda a força dos termos, um grande homem, uma dessas raras individualidades em que se reflete, como num espelho, o caráter duma nação, em quem um povo reconhece, por uma íntima afinidade, a expressão genuína do seu temperamento intelectual e moral, nas idéias e nos sentimentos, nas qualidades culminantes e até dos defeitos característicos.



Antero de Quental

6. QUENTAL, Antero de. *Prosas* — volume II. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926, p. 296-8.

Antes de tudo, Herculano foi isto: um *representative man*, como tão bem dizem os ingleses, o representante do gênio da sua nação; e foi este íntimo sentir de patriota, que penetrava o seu ser, decidindo dos seus gostos e das suas opiniões, que determinou irresistivelmente a sua vocação literária. Escrever a história do seu país não é, com efeito, entrar em comunicação direta com a alma nacional, viva e palpitante, para quem a interrogar com amor, nas instituições, nos feitos, nas crenças, em todos os fatos de uma grande existência coletiva? Foi esse amor, essa paixão, que lhe afinou o entendimento, abrindo-lho a uma ciência nova, a uma crítica alta e severa ao mesmo tempo que penetrante, e lhe armou o ânimo com a coragem necessária para enterrar contente os melhores anos da existência nesse obscuro hipogeu da história, onde muitos só encontravam a satisfação de uma curiosidade erudita, mas onde ele buscava ardentemente, como ensinamento e talvez como consolação, os reflexos daquela luz moral que sai das gerações fortes e criadoras.

É que o historiador era também um poeta e um crente. O seu nobre espírito sentia-se confrangido na fria atmosfera do ceticismo e indiferença, que tantas vezes degeneram em pequenez moral, da nossa época perturbada, e refúgio para o passado, onde entrevia figuras amigas, de onde lhe falavam vozes fraternais, cuja linguagem rude mas sincera e grave ele compreendia melhor do que os requebros artificiosos dos delicados do dia.

Na fisionomia moral de Alexandre Herculano há certas linhas que fazem lembrar o perfil enérgico e simples dos heróis típicos da nacionalidade portuguesa. Pertencia a essa grande linhagem, que acabou com ele — e o seu século, admirando-o, considerava-o todavia com um certo espanto ininteligente, como se sentisse vagamente que aquele homem pertencia a um mundo extinto, um mundo cujo altivo sentir já ninguém compreendia.

E acabaram, com efeito, por não se compreenderem.

O século, levado na carreira vertiginosa de uma revolução moral e social cujo termo ninguém pode prever, escutava entre distraído e impacientado aquela voz austera, que lhe falava de virtudes esquecidas, de idéias que já não pareciam mais do que simulacros, em instituições em que já ninguém via mais do que engenhosos artifícios — e espantava-se de encontrar tantas ilusões unidas a tanto gênio e tanta ciência. Ele, por seu lado, persistia e como que se endurecia nessas generosas ilusões, que eram as crenças a que devotara a vida inteira, considerava entristecido mas não abalado, o espetáculo da vertigem e da corrupção contemporâneas, que talvez lhe parecessem providenciais, e o seu amargo sorriso continha muitos desdêns, mas nenhuma retratação.

Só a morte podia pôr um termo a este dissentimento, que estava na natureza das coisas.

Não nos cabe a nós ser juízes entre um grande homem e uma época, que tantos aclamam gloriosa, em quanto outros persistem em tê-la por mesquinha. A história (como às vezes sucede) dará talvez razão, ao mesmo tempo, à época, que não podia sem maior nem melhor do que as circunstâncias a fizeram, e ao homem nobre e sincero cuja altiva integridade repugnava invencivelmente a quem pactuasse com o abaixamento moral dos contemporâneos, embora tal abaixamento lhe parecesse providencial, preferindo a atitude isolada e austera do protesto e as más vontades que ele provoca nos caracteres vulgares, à influência e dominação alcançadas pela convivência com as paixões, os desvarios e os vícios da época.

Há glórias mais brilhantes e ruidosas: nenhuma pode haver mais pura.